
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PRESENTE NA ARQUITETURA ESCOLAR: OLHAR SOBRE A PRESERVAÇÃO DOS GRUPOS ESCOLARES EM FORTALEZA (1905 - 1960)

*Julia de Fátima Santos da Silva**, *Karytia Nayara Gonçalves da Silveira Nobre***,
*Francisco Ari de Andrade****

RESUMO

O presente artigo evidencia a História da Educação presente na arquitetura escolar, ao analisar o estado de conservação dos Grupos Escolares construídos entre 1905 até a década de 1960, na cidade de Fortaleza, conforme informações extraídas nas páginas do Almanaque do Ceará. O estudo foi desenvolvido em duas etapas: na primeira, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o tema; na segunda, como atividade de campo, procedeu-se à localização geográfica das unidades de ensino, visitas *in loco*, registros fotográficos e consulta a fontes primárias dos acervos institucionais. Foram localizados dez dos quinze Grupos Escolares construídos no período, dos quais apenas cinco ainda conservam traços arquitetônicos originais. Os resultados evidenciam a fragilidade da preservação material desses espaços e o consequente enfraquecimento dos laços de pertencimento à memória da educação local.

Palavras-chave: história; arquitetura escolar; memória.

* Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9555-3593>. Correio eletrônico: juliadefatima.ufc@hotmail.com.

** Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6943-3701>. Correio eletrônico: karytiasilveira@gmail.com.

*** Pós-doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade Federal do Sergipe (PPGE-UFS). Doutor em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Titular do Departamento de Fundamentos da Educação, da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3028-9867>. Correio eletrônico: andrade.ari@hotmail.com.

***HISTORY OF EDUCATION PRESENT IN SCHOOL ARCHITECTURE: A LOOK AT THE
PRESERVATION OF SCHOOL GROUPS IN FORTALEZA (1905-1960)***

ABSTRACT

This article highlights the History of Education present in school architecture by analyzing the state of conservation of the School Groups that were built in 1905 to 1960s in the city of Fortaleza, according to on information extracted from the Almanaque do Ceará. The study was carried out in two stages: first, a bibliographical review on the topic was conducted; second, as a field activity, the geographical location of the school units was identified, followed by on-site visits, photographic records, and consultation of primary sources from institutional archives. Ten out of fifteen School Groups built during the period were located, of which only five still preserve their original architectural features. The results highlight the fragility of the material preservation of these spaces and the consequent weakening of the sense of belonging to the memory of local education.

Keywords: history; school architecture; memory.

***2
HISTORIA DE LA EDUCACIÓN PRESENTE EN LA ARQUITECTURA ESCOLAR: UNA
MIRADA SOBRE LA PRESERVACIÓN DE LOS GRUPOS ESCOLARES EN FORTALEZA
(1905 - 1960)***

RESUMEN

*El presente artículo pone de manifiesto la Historia de la Educación presente en la arquitectura escolar, al analizar el estado de conservación de los Grupos Escolares construidos entre 1905 y la década de 1960, en la ciudad de Fortaleza, a partir de informaciones extraídas de las páginas del Almanaque de Ceará. El estudio se desarrolló en dos etapas: en la primera, se realizó una revisión bibliográfica sobre el tema; en la segunda, como actividad de campo, se procedió a la localización geográfica de las unidades educativas, visitas *in situ*, registros fotográficos y consulta a fuentes primarias de acervos institucionales. Se localizaron diez de los quince Grupos Escolares construidos en el período, de los cuales solo cinco aún conservan rasgos arquitectónicos originales. Los resultados evidencian la fragilidad en la preservación material de estos espacios y el consecuente debilitamiento de los lazos de pertenencia a la memoria de la educación local.*

Palabras clave: historia; arquitectura escolar; memoria.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem sua origem nos resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica¹ intitulada *Acervo digital da arquitetura escolar para preservação da Memória e da História da Educação Cearense*, realizada no campo da História da Educação com apoio da Universidade Federal do Ceará e financiamento de bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2014. O objetivo do estudo foi investigar a relação entre a História da Educação e a memória escolar expressa na arquitetura dos grupos escolares.

A proposta central deste trabalho é destacar como a História da Educação se manifesta na materialidade dos edifícios escolares, ao analisar o estado de conservação dos grupos construídos em Fortaleza, entre a primeira metade do século XX e a década de 1960, com base em informações extraídas das páginas do *Almanaque do Ceará*.

No Brasil, os Grupos Escolares foram instituídos como parte das políticas educacionais da Primeira República, ainda que sua implantação fosse de responsabilidade dos estados. Até a década de 1970, esses grupos foram os principais responsáveis pela oferta da educação primária (Sousa, 2008, p. 41). A partir de 1971, com a promulgação da Lei n.º 5.692/71, a estrutura do ensino básico foi reorganizada, contemplando os níveis de 1.º e 2.º graus.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em duas etapas. Na primeira, realizou-se uma revisão bibliográfica com vistas à fundamentação teórica. Nesse mesmo momento, analisaram-se exemplares do *Almanaque do Ceará*, publicados entre o final do século XIX e a década de 1960, os quais forneceram dados sobre a quantidade de Grupos Escolares construídos na capital. Com base nessas informações, foi possível identificar a localização de cada unidade de ensino.

A segunda etapa correspondeu ao trabalho de campo, que consistiu na identificação geográfica dessas unidades na malha urbana de Fortaleza. Conforme Minayo (2015), essa fase permite ao pesquisador aproximar-se da realidade investigada e interagir com os sujeitos envolvidos no estudo.

Após a catalogação das escolas que resistiram às transformações urbanas e às lacunas nas políticas de preservação patrimonial, foram realizadas visitas *in loco* para averiguar o estado de conservação da arquitetura original. Considerando que muitas dessas escolas ainda funcionam como instituições de ensino fundamental e médio, os registros foram realizados com o auxílio de recursos digitais. Durante as visitas, também se buscou acesso a fontes primárias, como documentos e fotografias nos acervos institucionais.

Com o material coletado, foi possível refletir criticamente sobre a importância da preservação da memória educacional a partir da arquitetura escolar. Ao final da pesquisa, localizou-se dez dos quinze Grupos Escolares construídos no período estudado; desses, apenas cinco ainda preservam traços da arquitetura original.

Parte-se da premissa de que a cidade conserva, em seus edifícios escolares, fragmentos significativos de sua memória coletiva, protagonizada por sujeitos históricos cujas vivências ainda ecoam nos espaços educativos. Dessa forma, contribui-se tanto para a valorização da memória educacional quanto para a conservação do patrimônio histórico e cultural da cidade.

2 EDUCAÇÃO: CONCEITO E FINALIDADES

Ao dirigir o olhar para o ambiente escolar, torna-se evidente que ele abrange muito mais do que os protagonistas imediatos do processo de ensino-aprendizagem — alunos e professores. A escola é composta por uma multiplicidade de atores e elementos: gestores, servidores, técnicos, políticas públicas, a arquitetura do espaço físico e, sobretudo, o Estado, que a insere em projetos e discursos de alcance nacional e internacional. Trata-se, portanto, de uma instituição complexa, atravessada por dimensões simbólicas, culturais e políticas.

Diante dessa multiplicidade, é fundamental, antes de qualquer análise mais aprofundada, compreender o conceito de Educação, pois é ele que orienta os fundamentos e práticas no interior do espaço escolar. A Educação, nesse sentido, não se restringe à mera transmissão de conhecimentos entre gerações. Trata-se de um processo amplo e contínuo, que abrange o desenvolvimento de valores, a apropriação da cultura, a construção de vínculos afetivos, a formação de relações sociais, a consolidação de identidades, o sentimento de pertencimento e a vivência de práticas socialmente instituídas — elementos que se manifestam tanto nas salas de aula quanto na vida familiar, nas brincadeiras e no cotidiano social.

Conforme afirma Saviani (2013, p. 13), a Educação é

4

o ato de produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Essa definição toma a educação objetivamente em sua realidade histórica e contempla tanto a questão da comunicação e promoção do homem como o caráter mediador da educação no interior da sociedade.

A Educação, sob essa perspectiva ampla e multifacetada, constitui-se também como objeto de estudo da História. A partir dessa concepção, consolidou-se uma abordagem específica — a História da Educação — que busca compreender a construção dos saberes,

formais e não formais, ao longo do tempo. Tal abordagem vai além da análise de documentos oficiais ou registros institucionais: ela valoriza também fontes alternativas, como jornais, práticas culturais e lúdicas, fotografias, objetos escolares e, sobretudo, as memórias orais. Esses elementos, ao serem resgatados e analisados, tornam-se testemunhos históricos, monumentos simbólicos e dispositivos de interpretação do passado, portadores de múltiplos significados.

Nesse contexto, destaca-se a memória escolar, elemento inseparável da História da Educação. A memória atua como ponte entre passado e presente, permitindo que experiências individuais e coletivas sejam revisitadas, reinterpretadas e ressignificadas. São as lembranças de episódios vividos, situações cotidianas, afetos e impressões que alimentam o processo de reconstrução histórica, proporcionando aos sujeitos a capacidade de se reconhecerem como parte ativa da trajetória educacional de uma sociedade.

Como destaca Le Goff (2013, p. 435),

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia [...] A memória, no qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens.

Assim, pela memória, é possível estabelecer o sentimento de pertencimento, que traduzem os vínculos que prendem ao passado e são capazes de transformar a realidade na perspectiva do futuro. Delgado (2003) evidencia que quando o registro do conhecimento estava na oralidade ou pintado nas cavernas, os homens já identificavam a importância da memória como suporte construtor de identidades e solidificador das consciências.

Ainda de acordo com Delgado (2003, p. 15), “[...] tal como apreender a amplidão do passado é um desafio para o ser humano, ativar a memória também o é pois, a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam”.

Além disso, a memória pode estar ligada a relatos vivenciados a partir de uma experiência coletiva, ao passo em que o indivíduo participa de um contexto social. Moreira (2011, p. 1) afirma que a memória “[...] é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato, uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”.

Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, misturam-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento.

3 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA NA CIDADE DE FORTALEZA

Os Grupos Escolares configuraram uma nova organização espacial, pedagógica e gestora da escola primária no Brasil no início da República. Para compreender o contexto educacional do país nos anos de 1890, é necessário rever as décadas anteriores para perceber o processo de desenvolvimento das escolas como conceito e política pública.

A origem das instituições escolares no Brasil ocorreu em 1549 com a chegada dos padres da Companhia de Jesus. A escola de primeiras letras empreendida pelos jesuítas baseava sua prática de ensino na memorização e catequização dos nativos. Em seguida, com a Reforma Pombalina, o ensino passou a ser representado pelas aulas régias como uma primeira tentativa de se instaurar uma escola pública estatal inspirada nas ideias iluministas, com o método do enciclopedismo. No Império, as escolas de primeiras letras foram criadas nas cidades, vilas e lugares populosos, com a implementação do Ensino Elementar, ou Ensino Mútuo, ou de Lancaster. Por fim, com a Independência do Brasil, o âmbito educacional passou a consistir nas primeiras tentativas descontínuas de se organizar a educação como responsabilidade do poder público, representado pelo governo imperial e pelos governos das províncias (Saviani, 2008).

Em 1893, em São Paulo, a nova organização da concepção liberal da Educação com os Grupos Escolares se instalou, seguido pelos estados:

Rio de Janeiro em 1897; Pará em 1899; Paraná em 1903; Ceará em 1905; Minas Gerais em 1906; Maranhão em 1905; Espírito Santo, Bahia e Rio Grande do Norte em 1908; Mato Grosso e Sergipe em 1910; Santa Catarina em 1911; Paraíba em 1916 e Piauí em 1922 (Andrade, 2011, p. 6).

O objetivo principal dessa sistematização era a aspiração da educação e civilização das massas, como também com a finalidade de nacionalização dos povos imigrantes que se encontravam no país ao final do século XIX, com a Proclamação da República, influenciada pela experiência da escola francesa e os discursos elaborados por seus intelectuais modernos da educação da época (Bencostta, 2001).

Os Grupos Escolares aplicavam uma pedagogia moderna, em substituição ao Método Lancasteriano, e visavam à educação das camadas populares, através da aplicação de um novo método de ensino, chamado de Método Intuitivo, ou Lição das Coisas. Este novo método tinha como base de sua reformulação a racionalidade científica, o ensino laico, a disciplina, a

hierarquia, a obediência, a assiduidade, a higiene e a ordem, trazendo para o aluno o objeto de estudo de forma concreta, fazendo-o refletir e utilizar os cinco sentidos.

De acordo com Saviani (2008, p. 172), os Grupos Escolares recebiam também a nomenclatura de escola graduada “[...] uma vez que o agrupamento dos alunos se dava de acordo com o grau ou a série em que se situavam”. Dessa forma, o ensino era baseado em uma organização gradual, por faixa etária, em séries distintas, onde cada classe possuía uma professora e recebia ensinamentos conforme o seu nível de conhecimento.

No Ceará, mais precisamente em Fortaleza, a implementação dos Grupos Escolares ocorreu com a permissão de uma legislação própria para o ensino primário. O presidente Nogueira Acioly, no cortejo da “Ordem e do Progresso” no Ceará, promulgou em março de 1905, o Regulamento da Instrução Pública do Estado e, a seguir, algumas determinações presentes no referido documento marcaram o início dos Grupos Escolares no Ceará:

Grupos escolares:

Art. 30 – As escolas públicas desta capital serão reunidas em grupos de cinco escolas, funcionando cada grupo em um só prédio para esse fim construído ou adaptado.

Art. 31 – Cada uma das escolas passará a ser considerada como uma classe do grupo escolar, ficando cada classe a cargo de uma professora e devendo todas funcionar em salas separadas. [...]

Art. 34 – Cada grupo escolar poderá comportar até o número máximo de trezentos alunos (Andrade, 2009, p. 8).

Assim, em 7 de dezembro de 1906, foi estabelecido o Regimento dos Grupos Escolares e, em 12 de março de 1907, foi inaugurado o primeiro Grupo Escolar em Fortaleza, localizado na Rua Formosa — hoje, atual Barão do Rio Branco —, cuja primeira diretora foi a professora Ana Facó, porém hoje não mais identificado.

4 A ESTRUTURA ARQUITETÔNICA DOS PRÉDIOS ESCOLARES CONSTRUÍDOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

A estrutura arquitetônica dos prédios construídos para sediarem grupos escolares na primeira metade do século XX possuía características peculiares, que expressam o sentimento do arquiteto, bem como a cultura da época, que, por sua vez, foi o primeiro momento marcante na história da educação brasileira em que a escola passou a ser vista como um estabelecimento de ensino representativo de lugar.

A construção desses edifícios específicos para os grupos escolares foi, segundo Bencostta (2001), uma preocupação das administrações dos Estados, ao reunir várias escolas

primárias de uma determinada área em um único prédio, agora localizado no espaço urbano, reduzindo os custos financeiros da administração de aluguéis de diversas casas que abrigavam as escolas isoladas, e de modo a tornar enaltecido o ideal republicano por meio da arquitetura.

Além disso, sabe-se que a construção da arquitetura desses prédios variava conforme alguns elementos de relevância ao projetista, que, segundo Santiago (2011), são elementos que envolvem época, meio, material e técnica ou programa em que os problemas da construção foram arquitetonicamente resolvidos.

O funcionamento dos Grupos Escolares teve início nas seguintes condições estruturais: em prédios já existentes e adaptados para o ensino ou em espaços planejados e construídos para sediar a escola graduada. Assim como as especificidades das metodologias e inovações trazidas com os grupos, a arquitetura de todas as instituições projetadas para este fim foi constituída de forma semelhante baseada na proposta do ensino gradual. O projeto arquitetônico adveio de países europeus e norte-americanos, marcados pela introdução dos conceitos de higienização e ordem para dentro do ambiente escolar. Buscando introduzir os princípios higienistas, a estrutura original era composta por quatro salas de aulas amplas, retangulares, ventiladas e arejadas, enfileiradas em um único corredor, e em seguida, com a presença das demais áreas de administração, lazer — incluindo o museu e pátio opcionais — e a biblioteca. Além disso, contava com áreas arborizadas no centro.

A criação do pátio escolar representou uma inovação importante ao incorporar as ideias de disciplina e ordem, uma vez que as salas de aula eram todas voltadas para essa área central, facilitando ao diretor a circulação e a observação dos alunos e professores.

Além dessas características arquitetônicas semelhantes dos grupos escolares brasileiros, encontramos no Ceará, de acordo com Santiago (2011), particularidades como a semelhança na arquitetura construída pelo arquiteto Armando Oliveira, com características neocoloniais, caracterizadas pelas áreas de circulação interna com arcos em formato de “U” e elementos que recuperam a tradição colonial, considerada erudita. Os referidos prédios possuem fachada para o oeste, prevalecendo a rua como objeto de orientação.

Com toda a catalogação dos arquivos após a pesquisa de campo, puderam ser remontadas, também, as bases da arquitetura singular dos grupos escolares na cidade de Fortaleza. Averiguou-se, dessa forma, que a arquitetura dos grupos escolares na década de 50, de forma geral, evidenciava a riqueza e a ostentação da sociedade da época, que vivia na *Belle Époque*, com influência francesa. As fachadas das instituições escolares possuíam uma grande entrada, com porta de madeira larga e detalhes de gesso retilíneos ou arredondados em toda sua

estrutura externa, como adornos às janelas e à porta central, além de decorativos diversos que afirmavam, exatamente, esse prestígio europeu. O gradil externo também marcava essa nova ideia de decoração com o ferro decorativo.

Na entrada, os prédios escolares possuíam uma placa de inauguração em que constava a data de fundação e os responsáveis pela obra como arquiteto e Presidente da República. O piso original era de cerâmica, com mosaico vermelho importado de Portugal, que variava o padrão entre florais e formas geométricas. Os corredores possuíam arcos em forma de “U” que abriam o espaço para circulação interna, bem como, peças ornamentais nas colunas de alvenaria e bordas de gesso no teto.

Em alguns edifícios, havia o andar superior, no qual se encontravam as salas de biblioteca e diretoria. A escada original era de madeira maciça importada, com corrimão trabalhado em detalhes geométricos, e o piso superior era de tábuas corridas de duas tonalidades, que variavam entre o marrom escuro e o castanho claro. As portas e janelas também eram de madeira maciça, com detalhes em formato retangulares, e essas últimas possuíam, em alguns casos, estruturas de alvenaria vazadas para a área externa e formato em “U” na área interna. Os lustres, que finalizavam a atmosfera rica da capital, eram importados da Europa.

De acordo com Santiago (2008), paradoxalmente, a arquitetura oferecida para acolher a pedagogia da Educação Nova, continha elementos do passado com a introdução de características tradicionais nas escolas modernas, resgatando os tempos coloniais nos quais as escolas eram verdadeiros templos e palácios.

5 PRESERVAÇÃO DA ARQUITETURA DOS PRÉDIOS SEDIADOS POR GRUPOS ESCOLARES NA CIDADE DE FORTALEZA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

No que concerne à preservação da arquitetura predial dos Grupos Escolares, a pesquisa buscou, desde o princípio, recontar a história arquitetônica das instituições sediadas pelos Grupos Escolares na primeira metade do século XX, entre os anos de 1905 até 1960, por meio das informações contidas nos acervos escolares, nos arquivos fotográficos e nas narrativas de ex-alunos e servidores. Com esse propósito, foram localizados apenas dez dos quinze Grupos Escolares iniciais presentes nas páginas do Almanaque do Ceará.

Após essa localização, pode-se averiguar aqueles que ainda funcionavam como instituições escolares. Destes, apenas sete permanecem em atividade com a mesma finalidade

inicial; os demais foram transformados em prédios comerciais ou adquiridos pelo Governo para outros fins, e desses, apenas cinco ainda resistem ao tempo com traços originais.

Dessa forma, a seguir, discorrer-se-á sobre como se encontravam os referidos prédios localizados na cidade de Fortaleza, Ceará, em 2014, utilizando a nomenclatura original dos grupos escolares presentes no Almanaque do Ceará de 1952.

5.1 Grupo Escolar Visconde do Rio Branco

Localizada na Avenida Dom Manuel, a Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Visconde do Rio Branco ocupa o espaço originalmente destinado ao Grupo Escolar Modelo, criado pelo decreto n.º 1635, de 4 de novembro de 1918, e oficialmente instituído em 27 de março de 1919. Com a cerimônia de lançamento da pedra fundamental realizada em 12 de outubro de 1923, pelo arquiteto Armando de Oliveira, e a inauguração oficial em 10 de julho de 1924, o prédio passou a ser conhecido como Grupo Escolar Visconde do Rio Branco, recebendo também as denominações de 9.º e 10.º Grupo.

A edificação, que segue o estilo neocolonial com forte influência da arquitetura portuguesa, conserva grande parte de suas características originais. Destacam-se a fachada decorada com detalhes em gesso, que adornam as janelas e a sacada do andar superior, elementos típicos da *Belle Époque*, além da placa original da construção. No interior, permanecem os pisos de mosaico vermelho com padrão geométrico no térreo e floral no andar superior; as portas e janelas de madeira pintadas de verde; as salas de aula estruturadas conforme o projeto inicial; a escada de madeira maciça com mais de noventa anos de uso; as molduras de gesso decorativo no teto; os arcos presentes na circulação interna e nas janelas superiores, características marcantes dos antigos grupos escolares; e os ladrilhos azuis importados que revestem a fachada externa e interna, símbolos da preservação do patrimônio arquitetônico.

No entanto, o prédio passou por algumas modificações ao longo dos anos. Entre elas, a instalação de uma nova grade de proteção ao redor da escola; a adição de uma escada metálica, criada para minimizar o uso da escada original; a colocação de grades de ferro nas janelas do andar superior; e a construção posterior da quadra esportiva, que não fazia parte do projeto inicial da instituição.

5.2 Grupo Escolar Valdemar Falcão

A Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Valdemar Falcão sediou, na primeira metade do século XX, o Grupo Escolar Valdemar Falcão, fundado em 1948 e situado na Vila Mesquita, no bairro Álvaro Weyne. O prédio passou por várias reformas. A primeira reforma teve como objetivo modificar a fachada, substituindo a antiga configuração lateral por uma localização da entrada para a rua principal, com a criação de uma estrutura de maior conforto, bem como a construção de muros em volta do prédio escolar, proporcionando maior segurança e controle da entrada e saída dos alunos que, na época de grupo escolar, tinham livre acesso à rua. Nos momentos de intervalo, os estudantes brincavam livremente até o toque da sineta — que também foi uma criação advinda com o ensino gradual. Posteriormente, a instituição de ensino passou por outras modificações e ampliações, pois suas dependências eram bem menores, otimizando os espaços para as salas de aula e cozinha.

Além disso, possui um pátio central com um ambiente preparado para que os jovens possam interagir entre si e, em sua estrutura, as paredes foram pintadas com tinta de tonalidade forte. O piso original e a área central com dois pés de jambo foram modificados, seguidos pela ampliação do prédio e pela aquisição de modernas estruturas.

11

As características originais dos Grupos Escolares já se perderam, e apenas um novo prédio, com modelo moderno, se constitui; entretanto, as memórias permanecem preservadas por fotografias e álbuns de turmas da década de 1950, nos quais é possível identificar, nesses arquivos fotográficos, alguns traços da estrutura arquitetônica original, assim como os uniformes, os depoimentos de alunos e as homenagens aos professores da época.

5.3 Grupo Escolar Clóvis Beviláqua

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Clóvis Beviláqua, situada na Avenida Dom Manuel, no coração de Fortaleza, teve sua origem no início do século XX, mais especificamente a partir de 1916, quando funcionava como o 3.º Grupo Escolar, inicialmente chamado Grupo Escolar do Outeiro. Posteriormente, passou a ser denominado Grupo Escolar Santos Dumont e, em 19 de julho de 1922, após a compra oficial do terreno pelo Estado do Ceará, adotou o nome Grupo Escolar Clóvis Beviláqua. Ao longo de sua trajetória, a instituição recebeu alunos notáveis, como Frei Tito, Raul Barbosa e Eleazar de Carvalho, entre outros.

O prédio que abriga a escola não foi construído originalmente para essa finalidade; tratase de uma adaptação de uma casa previamente adquirida pela Arquidiocese de Fortaleza, que serviu como residência para padres Jesuítas antes de ser comprada pelo Estado. Por isso, suas características arquitetônicas são bastante ecléticas. Entre maio e setembro de 2009, uma grande reforma foi realizada na escola. Essas intervenções resultaram na perda de alguns elementos originais dos Grupos Escolares, como os arcos em formato de “U” na circulação interna, os pisos de mosaico do pavimento inferior e a escada de madeira. Em contrapartida, foram adicionadas uma rampa de acesso ao pátio, uma escada de alvenaria e um espaço esportivo construído após a fundação da escola.

Apesar das modificações, a escola preserva ainda importantes aspectos originais, como o piso em mosaico vermelho floral na parte superior, as portas e janelas de madeira maciça — atualmente pintadas de verde e com detalhes geométricos na parte superior —, as colunas e os ornamentos decorativos na área de circulação interna e, principalmente, a fachada externa, que mantém os trabalhos em gesso nas cornijas e laterais, evidenciando o estilo neocolonial.

5.4 Grupo Escolar Juvenal Galeno

12

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Juvenal Galeno, anteriormente conhecida como Grupo Escolar Fernandes Vieira, está localizada no bairro Jacarecanga. Sua construção teve a pedra fundamental lançada em 3 de outubro de 1923, e foi inaugurada em 11 de julho de 1924. O projeto arquitetônico foi elaborado pelo arquiteto carioca Armando de Oliveira, durante o governo do presidente Idelfonso Albano.

Até o ano de 1992, a estrutura original da escola sofria apenas pequenas alterações. Entretanto, uma reforma realizada naquele mesmo ano alterou significativamente alguns dos principais elementos do prédio, como a remoção dos lustres, dos pisos de mosaico português no andar inferior e das duas escadas originais de madeira. Na sequência, foram instaladas grades nas janelas superiores e construída uma escada em espiral de ferro. Em 1999, uma nova escada principal de alvenaria foi adicionada no pátio da escola para ampliar o espaço destinado às salas de aula.

Apesar das modificações, grande parte da construção original permanece preservada, incluindo a fachada do edifício, que conta com decoração em gesso adornando as janelas e uma sacada no andar superior, ambas trabalhadas com o mesmo estilo decorativo da *Belle Époque*. A placa original da construção também se mantém, assim como as portas e janelas de madeira

pintadas em tom cinza, uma pequena porção do piso vermelho de mosaico português geométrico no andar superior, as molduras do teto e os arcos característicos dos antigos grupos escolares, presentes tanto nas áreas internas de circulação quanto nas janelas superiores.

Em 2005, o prédio da escola Juvenal Galeno foi oficialmente tombado pela Câmara Municipal de Fortaleza como patrimônio histórico e cultural. Posteriormente, em 2014, a instituição foi transformada em um Centro de Referência sobre Drogas, voltado para a oferta de cursos e capacitação de profissionais no combate ao uso de substâncias entorpecentes.

5.5 Grupo Escolar Campo de Aviação

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Edith Braga, localizada no bairro de Aerolândia, sediou, a partir de 1951, o Grupo Escolar Campo de Aviação, que recebeu esse nome em homenagem à nomenclatura informal do bairro na época. Foi inaugurado em 30 de janeiro de 1955, na administração do prefeito Paulo Cabral de Araújo. Em 1972, passou à Escola de 1.º Grau Edith Braga e, posteriormente, à Escola de Educação Infantil e Fundamental Edith Braga.

O prédio escolar passou, durante vários anos, por grandes reformas e ampliação do terreno, que alteraram, em grande parte, a estrutura arquitetônica original dos Grupos Escolares. Contudo ainda é possível identificar as quatro salas de aulas originais com as características amplas, retangulares e muros baixos, enfileiradas em um único corredor que compunham o projeto dos grupos, bem como, a área de lazer do pátio central em que havia a fiscalização do diretor escolar, livres de modificações estruturais e com árvores originais.

Entretanto, as demais marcas da arquitetura, como arcos em formato de “U”, piso de mosaico vermelho, piso de tábuas corridas, decoração de gesso no teto e na fachada, lustres importados e outros foram perdidas nas modificações. O prédio foi ampliado, com a construção de várias outras salas, andar superior, quadra esportiva e áreas de lazer internas, com um *design* moderno e sem as evidências da *Belle Époque*.

5.6 Grupo Escolar Moura Brasil

A Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Moura Brasil, municipalizada em 13 de março de 2008, sediou, em 1937, o Grupo Escolar Moura Brasil. A instituição teve sua origem em 1932, ainda como escola isolada. Em 1934, sua sede própria foi inaugurada como

Escola Reunida Moura Brasil, na Rua Braga Torres ao lado da Igreja Santa Terezinha e, no governo de Menezes Pimentel, passou a funcionar como Grupo Escolar no mesmo local.

Todavia, em 1971, devido às intempéries do mar, as instalações ficaram danificadas e o prédio foi interditado pela Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC). No ano seguinte, em 15 de agosto, uma nova sede do outro lado da Avenida Presidente Castelo Branco, esquina com a Rua Padre Mororó, foi inaugurada para a continuação das atividades estudantis, na qual, funciona como Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, já tendo sido Escola de Primeiro Grau Moura Brasil e de Escola de Ensino Fundamental e Médio Moura Brasil.

Dessa forma, em virtude de o prédio original ter sido demolido, a estrutura da nova sede da instituição não possui nenhuma das características originais dos Grupos Escolares.

5.7 Grupo Escolar do Norte

O Grupo Escolar do Norte da Cidade foi criado como Grupo Escolar-Modelo, sediado no prédio da antiga Escola Normal, na Praça Marquês de Herbal. Segundo Santiago (2011), várias vertentes a respeito dos Grupos Escolares do Norte, José de Alencar e Messejana surgiram ao longo dos anos, porém, fatos de unificação e transformação ocorreram na história dessas instituições. Inicialmente, existiam dois estabelecimentos de ensino distintos: Grupo Escolar de Messejana e Grupo Escolar do Norte. O primeiro se unificou ao segundo, depois da década de 50, formando um único grupo. Em seguida, esse novo grupo, agora unificado, recebeu a denominação de Grupo Escolar José de Alencar. Somente quando o prédio foi cedido à Universidade Federal do Ceará, o então Grupo Escolar José de Alencar foi transferido para outro prédio no bairro de Messejana, com a denominação de Grupo Escolar José de Alencar-Mecejana (conforme escrita da época).

14

Compreendendo o percurso histórico do Grupo Escolar do Norte, é possível identificar que muitas mudanças estruturais precisaram ocorrer para se adaptar aos diversos momentos e funções. O prédio foi construído, inicialmente, para sediar a Escola Normal, contudo, partes das suas características são semelhantes aos demais projetos de Grupos devido a influência do movimento neocolonial. A fachada é caracterizada pelos adornos de gesso decorativo às janelas, porta central e bordas superiores, bem como a presença da sacada estrutural. Ao centro da parte interna, existe uma escada de madeira de lei, pisos em tábuas corridas das cores marrom escuro e castanho claro ao longo das salas, portas e janelas de madeira maciça e com decorações vazadas na parte superior, assim como, o gradil de ferro forjado e decorativo na entrada.

Entretanto, a ideia de higienização com o pátio central livre para circulação e estruturas em formato de “U” para maior ventilação não foram mais verificadas, semelhantemente, ao piso de mosaico vermelho português. O mobiliário e material didático para o Grupo Escolar vieram de São Paulo, evidenciando a novidade da educação. Atualmente, o prédio funciona como a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

5.8 Grupo Escolar Presidente Roosevelt

A Escola Estadual de Educação Profissional Presidente Roosevelt, localizada na Avenida Bezerra de Menezes, no bairro Farias Brito, sediou, em meados da década de 1930, o Grupo Escolar Presidente Roosevelt.

No que concerne à sua estrutura física, ocorreram grandes mudanças, entre elas a ampliação do prédio, a demolição e construção de novas salas de aula e a instalação de grades de ferro na fachada do colégio. Com isso, poucas marcas dos grupos escolares são possíveis de serem encontradas. Nota-se ainda algumas das características presentes na fachada arredondada nas laterais, semelhante às características do movimento *art déco*, e nas linhas retilíneas centrais. Semelhantemente, as portas e janelas de madeira maciça são originais, bem como a organização estrutural de longos corredores com salas de aula e a parte central com o pátio aberto.

15

5.9 Grupo Escola Fênix Caixeiral

O Grupo Escolar Fênix Caixeiral funcionou no prédio em que sediava o clube Fênix Caixeiral. Essa associação foi inaugurada no dia 24 de junho de 1905, na Praça Marquês do Herval, atual José Alencar, impulsionada pela ascensão social dos comerciários, conhecidos como caixeiros. O prédio possuía andar com salão nobre para festas, biblioteca, pátio de ginástica, bem como, uma área destinada a salas de aulas, em que funcionavam o grupo escolar, cujos alunos eram filhos dos associados ou os próprios membros que participavam de cursos profissionalizantes. O pátio era cercado por um muro perfurado com grades para permitir a visualização do interior pelos visitantes. A fachada, segundo as fotos da época, evidenciava a beleza dos decorativos gessos nos adornos das janelas e porta central e águias esculpidas no teto.

Atualmente, o prédio é patrimônio do Sistema Único de Saúde (SUS), sediado pelo Centro de Especialidades Médicas José de Alencar. Nenhuma das características originais permanece, nem na fachada e nem no interior, devido às diversas modificações da própria associação, e, principalmente, às adaptações realizadas quando sediou o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e, hoje, o centro médico.

5.10 Grupo Escolar Rodolfo Teófilo

O Grupo Escolar Rodolfo Teófilo teve suas primícias marcadas pela denominação de Grupo Escolar do Bemfica (conforme escrita da época), inaugurado em 2 de janeiro de 1923, após a reorganização em virtude da Reforma de 1922 no Ceará. Localizado na atual Avenida da Universidade, antiga Avenida Visconde de Cauípe, no bairro Benfica, o antigo grupo deu lugar, mais recentemente, à Faculdade de Economia da Universidade Federal do Ceará.

A arquitetura foi projetada pelo arquiteto Antônio Gonçalves da Justa, com linhas neoclássicas, semelhantes aos demais grupos projetados, cuja construção ocorreu nos governos de Justiniano de Serpa, Idelfonso Albano e Godofredo Maciel. A estrutura original era composta por dez salas de aula, uma escadaria de madeira de lei e pátio central.

Atualmente, é possível verificar a projeção em forma de “U” da estrutura predial, com a organização das salas em corredores laterais e a parte central destinada ao acesso e circulação. Na fachada, encontram-se os mais belos adornos de gesso da *Belle Époque* com detalhes minuciosos ao longo das treze janelas frontais, com arcos românticos, bolsões destacados e linhas retilíneas vazadas. Nas três janelas superiores, é possível notar a presença de sacadas decorativas do mesmo material e, no mais alto ponto central arredondado, o destaque para o escudo do estado do Ceará.

Com a mudança de funcionalidade do prédio para o Ensino Superior, modificações significativas internamente foram sucessivamente ocorrendo, como a substituição dos pisos originais por cerâmica e mármore, retirada da placa de inauguração do prédio, ampliação do espaço para salas de aula, substituição da escada de madeira maciça e abertura do ambiente para circulação com a retirada dos arcos e adornos na parte interior.

6 CONCLUSÃO

Refletir sobre a história da Educação Brasileira — e, em particular, a cearense — por meio da memória materializada na arquitetura dos Grupos Escolares de Fortaleza revelou-se uma tarefa desafiadora, sobretudo pela escassez de fontes relativas ao período delimitado e pelas lacunas nos registros documentais e institucionais. Ainda assim, o exercício de localizar, visitar e analisar os prédios escolares construídos entre 1905 a 1960 permitiu abrir caminhos para compreender como a materialidade desses espaços conserva marcas das políticas educacionais, das práticas pedagógicas e dos processos de escolarização vivenciados ao longo do século XX.

Embora o objetivo inicial de mapear e compreender os vestígios físicos e simbólicos desses prédios tenha sido parcialmente alcançado — com a identificação de dez unidades e a constatação de que apenas cinco mantêm traços arquitetônicos originais —, os achados apontam para uma realidade preocupante: a memória escolar associada a esses edifícios tem sido sistematicamente negligenciada. A ausência de acervos, registros históricos acessíveis e iniciativas de preservação da história escolar fragiliza os vínculos identitários com esses espaços e compromete a possibilidade das novas gerações se reconhecerem como herdeiras de uma trajetória educacional construída com esforço, exclusões e transformações.

A investigação também revelou que, apesar da arquitetura de alguns prédios ainda carregar os símbolos e os estilos do período republicano — como os adornos neocoloniais, os mosaicos portugueses e os traços da *Belle Époque* —, essas formas materiais coexistem com o apagamento das experiências educativas que lhes deram sentido. Isso demonstra que a preservação física, por si só, não garante a manutenção da memória. Sem iniciativas de registro, valorização e divulgação das vivências escolares, corre-se o risco de manter fachadas ornamentadas, porém desvinculadas de seu conteúdo histórico-pedagógico.

Assim, este trabalho reforça a importância de se investir na constituição de políticas públicas voltadas à preservação não apenas da arquitetura escolar, mas também da história vivida nesses espaços. Preservar os Grupos Escolares é também preservar a história da educação popular, a luta pelo acesso à escola pública, os modos de ensinar e aprender de diferentes épocas e, sobretudo, os sujeitos — muitas vezes invisibilizados — que ali construíram seus percursos.

Reconstituir a trajetória desses edifícios escolares, portanto, é mais do que um exercício de memória: é um ato político e cultural que visa garantir o direito à história, à identidade e à educação como bem coletivo. Ao resgatar os itinerários escolares de Fortaleza, este estudo

contribui para a valorização do patrimônio educacional cearense e lança luz sobre a urgência de políticas que articulem preservação material, memória viva e justiça histórica.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE DO CEARÁ. Fortaleza: Tip. Royal, 1952. p. 114.

ANDRADE, Francisco Ari. Política, legislação e reforma do ensino imperial: um olhar a partir da experiência da Província do Ceará (1834-1837). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 1-85.

ANDRADE, Francisco Ari de. “Templo de Civilização” no Ceará: a criação do grupo escolar em Fortaleza, no começo do século XX. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. **Cultura, educação, espaço e tempo**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). **Educar em revista**, [S. l.], p. 103-141, 2001.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, [S. l.], v. 6, p. 9-25, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. História e memória: algumas observações. **Práxis: Revista eletrônica de História e Educação**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2011.

SANTIAGO, Zilza Maria Pinto. **Arquitetura e Instrução pública**: a Reforma de 1922, concepção de espaços e formação de grupos escolares no Ceará. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2011.

SANTIAGO, Zilza Maria Pinto. Manifestações do movimento neocolonial: conflitos entre tradição e modernidade nas instituições escolares do Brasil na primeira República. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Porto. **Anais** [...]. Porto: Universidade do Porto, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SOUSA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

Recebido em: 24 ago. 2025.

Aceito em: 3 set. 2025.